

Da relação à estrutura: a influência do pensamento saussuriano em meados do século XX

From relation to structure: the influence of Saussure's thought in middle of the twentieth century

Allana Cristina Moreira Marques*

RESUMO: Este trabalho tem por objeto apontar como a noção de relação movimentada pelo linguista genebrino Ferdinand de Saussure em sua teoria, em especial, na definição do sistema e das unidades linguísticas, possibilitou a leitura de Saussure como estruturalista e rendeu a ele o reconhecimento de pai do estruturalismo europeu. Para tanto, em um primeiro momento, com base nos postulados do *Curso de Linguística Geral*, evidenciamos como Saussure concebe a natureza do fato linguístico a partir de relações. Em seguida, com base em autores que se dedicaram ao estudo da teoria saussuriana e que leram Saussure como estruturalista, partimos para o entendimento das noções de estruturalismo e estrutura, buscando apontar como se deu a passagem da noção saussuriana de sistema de relações para estrutura. Por fim, a título de exemplificarmos como o princípio saussuriano da relação influenciou o pensamento moderno, consideramos as marcas desse princípio na antropologia.

PALAVRAS-CHAVE: Ferdinand de Saussure. Relação. Estrutura. Estruturalismo.

ABSTRACT: This paper aims at showing how the notion of relation, used by the linguist Ferdinand de Saussure in his theory especially in the definition of system and of the linguistic units, allowed the reading of Saussure as an structuralist and crediting him the father of European Structuralism. For that, we firstly based our work on the postulates of the *Course of General Linguistics* to show how Saussure understands the nature of the linguistic fact from the notion of relation. Then we took some authors who studied Saussure's theory and who read him as an structuralist to understand the notions of Structuralism and structure, trying to point out how Saussure's concept of system was conceived from relations to structure. Moreover, to exemplify how the Saussurean principle of relation influenced the modern thought, we considered the features of this principle in Anthropology.

KEYWORDS: Ferdinand de Saussure. Relation. Structure. Structuralism.

1. Introdução

Em um trabalho de análise da teoria linguística de Ferdinand de Saussure, Claudine Normand (2011) afirma que de Saussure é possível fazermos somente leituras pessoais que implicam escolhas, interpretações e, ao mesmo tempo, esquecimentos e reduções. Segundo ela, desde a publicação do *Curso de Linguística Geral* (CLG), diferentes interpretações foram feitas sobre a teoria saussuriana, como aquelas do

* Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: lanacrismm@yahoo.com.br

funcionalismo da escola de Praga, as do formalismo de Hjelmslev, as do sociologismo de Meillet, as do behaviorismo Bloomfieldiano, dentre outras que poderíamos destacar. “Cada geração de leitores produziu, e continua produzindo, seu modo preferencial de leitura, marcado pelo contexto intelectual da época” (NORMAND, 2011, p. 12), o que nos permitiria, segundo Normand, traçar a história do pensamento saussuriano. A leitura de Normand, assim como a dos demais leitores de Saussure, é resultado de uma escolha. A autora opta por ler Saussure pelo viés da epistemologia, isso porque, segundo ela, ler Saussure por essa perspectiva é considerar a novidade radical do pensamento saussuriano frente aos linguistas que o antecederam e mesmo aqueles contemporâneos a ele.

Neste trabalho, porém, trataremos de Saussure a partir de outra perspectiva, aquela que vê na produção teórica do linguista suíço o marco que deu origem ao estruturalismo na Europa. A nosso ver, essa leitura parece ser a principal escolha daqueles que se dedicam a historiar a Linguística ou didatizá-la, distinguindo as diferentes tendências teóricas que surgiram ao longo do tempo no interior dessa ciência, dentre as quais está incluso o estruturalismo, e, ainda, daqueles que se dedicam a historiar ou compreender o estruturalismo de um modo geral, isto é, abarcando as diversas áreas influenciadas por esse pensamento.

A tarefa de conceitualização e de entendimento do estruturalismo foi desempenhada por diversos autores de diferentes áreas. Isso se deve ao fato de que, embora o estruturalismo europeu¹ tenha um início bem definido, com a teoria linguística saussuriana, os fins a que ele chegou são quase imperscrutáveis, tendo em vista que ele influenciou fortemente outras ciências, tais como a antropologia, a psicanálise e a filosofia, fato que rendeu à Linguística o reconhecimento de ciência piloto das ciências humanas.

A questão de como a teoria saussuriana influenciou as demais áreas do conhecimento humano é, sem dúvida, importante. Para essa questão, não parecer haver uma única resposta. Há aqueles que afirmam que de Saussure as ciências humanas herdou o rigor científico ou o grau de formalização, para outros o novo método ou a distinta maneira de conceber o objeto, isto é, a partir de uma estrutura. Tais respostas não são excludentes e parecem se completar. Todavia, é, sobretudo, o caráter estrutural de sua

¹ Embora o estruturalismo tenha tido outra vertente na América do Norte representado por Leonard Bloomfield e com surgimento independente do estruturalismo desenvolvido na Europa, neste trabalho deter-nos-emos essencialmente sobre questões referentes ao estruturalismo europeu, que tem seu início reconhecido por grande parte dos teóricos com a teoria saussuriana.

teoria que deu as bases para o movimento do saber denominado estruturalismo. Como se sabe, em sua teorização, Saussure não utilizou o termo estrutura teoricamente. Somente mais tarde essa teoria foi lida como de caráter estrutural. Isso se deve ao fato de que Saussure definiu a língua como um sistema de signos e, mais especificamente, atribuiu às unidades linguísticas do sistema uma natureza relacional. Assim, ele define o fato linguístico como desprovido de substância e definido inteiramente por suas relações. Todavia, Saussure não somente coloca as unidades linguísticas em relações, mas define as relações como condição de existência delas. A noção de relação, como se vê, ocupa lugar central na teoria saussuriana. A nosso ver, esse princípio proposto pelo linguista influenciou fortemente as ciências humanas de diferentes maneiras.

Pensando o alcance desse princípio linguístico de Saussure, buscamos, neste trabalho, evidenciar como a noção de relação movimentada por ele possibilitou a interpretação da noção de estrutura, noção fundamental para os estudos desenvolvidos em meados do século XX, em diferentes ciências humanas, época em que se reconhece o êxito do estruturalismo na Europa. A título de exemplo, dedicamo-nos, neste artigo, a evidenciar essa influência na antropologia desenvolvida pelo filósofo e antropólogo Lévi-Strauss, fundador da antropologia estruturalista. Acreditamos que o exercício de leitura do trabalho do antropólogo nos permitirá averiguar como o fundamento saussuriano de que a língua é um sistema em que suas partes são definidas inteiramente por suas relações, e não em si mesmas, influenciou o pensamento estruturalista da metade do último século.

2. A teoria linguística da relação

A elaboração teórica do linguista Ferdinand de Saussure é reconhecida pela mudança decisiva que esse pensamento introduziu no campo da investigação linguística. Em um movimento de recusa às teorias de seus antecessores, Saussure propõe um novo modo de estudo da língua. Para o genebrino, não cabe à linguística estabelecer normas de uso, como fazia a Gramática sem qualquer visão científica, ou se dedicar a história dos textos, como fazia a Filologia sem qualquer preocupação primeira com a língua, nem tão pouco comparar as línguas apenas para estabelecer os parentescos linguísticos, como fazia a Gramática Comparada. Era preciso redefinir o campo de estudos bem como seu objeto.

Saussure propõe, então, a língua como o único e verdadeiro objeto da ciência linguística. Essa ciência deve investigar a língua por ele mesma, e não mais a partir de

objetivos secundários, como até então os estudiosos procediam no trato da língua. A demarcação do campo de estudos e a definição do objeto exigiram de Saussure uma redefinição do próprio entendimento de língua. Assim, contrariando as correntes concepções daquele momento, Saussure rejeita a definição de língua como representação do pensamento ou mesmo aquela que considera a língua como uma nomenclatura para os objetos do mundo, e propõe que “a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 55).

Ao definir a língua como um sistema de signos, Saussure movimenta uma noção que, a nosso ver, é de suma importância nas elaborações saussurianas, a noção de relação. Definir a língua como um sistema é entender que as partes desse sistema estão unidas em relações. Saussure vai além e atribui às relações entre os elementos linguísticos a condição de existência dos mesmos. Como se vê a noção de relação é fundamental para o entendimento da noção de sistema linguístico em Saussure, bem como para o entendimento da entidade linguística, o que nos atesta a centralidade dessa noção.

2.1 O caráter relacional do sistema e das unidades linguísticas

A afirmação de que, para Saussure, a língua é um sistema é bastante recorrente nas propostas de apresentação da teoria saussuriana. Todavia, é preciso compreender o alcance dessa afirmação. Embora haja no CLG um capítulo dedicado à definição do que é língua, esta noção parece ser tratada por Saussure ao longo de todo o CLG. A noção de sistema aparece já no início da conceitualização realizada pelo linguista. Na distinção entre língua e linguagem, Saussure define pela primeira vez a língua enquanto sistema de signos, ao afirmar que não parece ser a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituição de uma língua, isto é, “um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 42).

Um trecho adiante nos será mais esclarecedor na questão do sistema linguístico. Saussure afirma que na esfera da linguagem que corresponde à língua, é preciso “acrescentar uma faculdade de associação e de coordenação que se manifesta desde que não se trate mais de signos isolados; é essa faculdade que desempenha o principal papel na organização da língua enquanto sistema” (p. 44). Neste trecho contém o cerne da questão da língua enquanto sistema. Nele, Saussure evidencia que considerar a língua como sistema requer que não tratemos mais de signos isolados, mas sim de signos unidos por um mecanismo de associação e coordenação.

Para Normand (2009), afirmar que a língua é um sistema não constitui uma novidade saussuriana. Isso porque já as gramáticas assinalavam a organização da língua. Nas palavras da autora: “Que todos os elementos de uma língua se articulam, determinam-se reciprocamente, é bem conhecido desde sempre pelas gramáticas, que se empenham, precisamente, em descrever as relações características de uma língua ou outra” (NORMAND, 2009, p. 50). Entretanto, segundo ela, Saussure utiliza o termo “sistema” de um modo mais preciso, significando *funcionamento* ou *mecanismo* e remetendo diretamente à questão das unidades linguísticas.

Ducrot (1968) também não atribui a Saussure à introdução da noção de estrutura na linguística. E afirma que já desde o século XVIII e XIX é recorrente a ideia de que cada língua possui uma organização própria. Entretanto, para o autor, a contribuição saussuriana está em pressupor no elemento o sistema. Isso porque, segundo ele, há uma ideia central no CLG de que os elementos linguísticos não são dados ao linguista logo à primeira vista e que a descoberta desses elementos é a mesma coisa que a descoberta das relações mútuas de tais elementos. Nas palavras do autor,

O sistema linguístico, para Saussure, não é construído pela reunião de elementos preexistentes; não se trata de ordenar um inventário dado em desordem, de ajustar as peças de um quebra-cabeça. A descoberta dos elementos e a do sistema constitui uma única tarefa. (DUCROT, 1968, p. 66)

No CLG, Saussure afirma que qualquer consideração em Linguística depende inteiramente do que se designa por unidade. Assim, no intuito de compreender a verdadeira natureza das unidades linguísticas, Saussure coloca em questão as noções de identidade, realidade e valor. Qual seria a identidade das unidades linguísticas e quando podemos falar que estamos diante de uma mesma unidade? Para ele, a identidade das unidades não pode ser determinada nem puramente por seu conteúdo semântico, nem puramente por sua materialidade. Ele exemplifica. Se ouvirmos repetidas vezes a expressão “Senhor!” ao longo de uma conferência, teremos a impressão de que se trata sempre de uma mesma expressão e, portanto, uma mesma identidade. Todavia, se considerarmos as variações de volume, de entonação, de diferenças fônicas, nas diferentes ocorrências, veremos que não há identidade material e semântica absoluta, tendo em vista as diferenças fônicas e de sentido nas diversas ocorrências da expressão.

No que tange à realidade das unidades linguísticas, Saussure coloca em questão o que seria real na língua. Ele se indaga, nesse sentido, se a classificação feita pela

gramática constitui uma realidade da língua ou se ela é extralinguística. Ele aponta que a classificação de substantivos e adjetivos dada pela gramática é defeituosa, tendo em vista, por exemplo, que ora uma palavra classificada como um substantivo funciona como um adjetivo, evidenciando, com isso, que a gramática trabalha com conceitos sem realmente saber se eles são constitutivos do sistema linguístico. Assim, segundo ele, para sabermos se um fator é realmente uma realidade concreta da língua, “devemos nos convencer, primeiramente, de que as entidades concretas da língua não se apresentam por si mesmas à nossa observação” (SAUSSURE, 2006[1970], p. 156).

Saussure afirma que as noções de identidade e de realidade não se diferenciam da noção de valor. Para exemplificar o que ele entende por valor, ele aponta que se considerarmos o cavalo, peça do jogo de xadrez, por sua materialidade pura, fora de sua casa e fora do jogo, ele não é um elemento real e concreto. Para ser real e concreto ele precisa ser revestido de valor. Ele se questiona que, se essa peça for destruída, ela poderá ser substituída por outra? E responde: “não somente um cavalo, mas uma figura desprovida de qualquer aparência com ele será declarada idêntica, contanto que se lhe atribua o mesmo valor” (p. 156). A partir dessa exemplificação, Saussure atesta que no sistema linguístico as noções de identidade e valor se confundem e, por isso, “a noção de valor recobre as de unidade, de entidade concreta e de realidade” (p. 156).

Normand (2009) afirma que a preferência pelo termo valor, em Saussure, repousa no fato de que, enquanto o termo unidade implica uma possibilidade de isolar os elementos da língua, e o termo entidade levanta uma questão filosófica, o termo valor pressupõe a existência de uma relação (NORMAND, 2009, p. 79). Assim, nas palavras da autora,

Para compreender a verdadeira natureza das unidades linguísticas, é necessário parar de querer isolar formas que seriam observáveis em si e admitir que elas não podem ser apreendidas se não em suas relações com outras, que elas só existem, do ponto de vista linguístico, nessas relações (NORMAND, 2009 [2000], p. 79).

Ao tratar da noção de sistema na linguística saussuriana, Benveniste (1966) também evidencia com as unidades linguísticas para Saussure são definidas por suas relações e não mais por si mesmas. Segundo ele, a partir da teorização saussuriana “a noção positivista do *fato* linguístico é substituída pela noção de *relação*” (BENVENISTE, 2005 [1966], p. 23, grifos do autor), o que resulta, para Benveniste, numa substituição do “atomismo” pelo “estruturalismo” linguístico.

Cada uma das unidades de um sistema define-se assim pelo conjunto das relações que mantém com as outras unidades e pelas oposições em que entra: é uma entidade relativa e opositiva, dizia Saussure. Abandona-se pois a ideia de que os dados da língua valem por si mesmo e são “fatos” objetivos, grandezas absolutas, susceptíveis de se considerarem isoladamente. Na realidade, as entidades linguísticas não se deixam determinar senão no interior do sistema que as organiza e as domina, e umas em razão das outras. Não têm valor a não ser como elementos de uma estrutura. (BENVENISTE, 2005 [1966], p. 23, grifos do autor).

Todavia, é preciso ressaltar que as relações não definem apenas o modo de organização das unidades. Às relações Saussure atribui uma importância ainda maior, a existência das unidades linguísticas. Nesse sentido, o fato linguístico só existe devido às relações estabelecidas no interior do sistema. Segundo Normand,

é impossível apreendê-las [as unidades linguísticas] fora do sistema específico em que elas são tomadas, pois **é nele que está seu modo de realidade**; elas só possuem existência para um locutor nas relações recíprocas que mantêm e que lhes dão sentido. Abordadas **fora dessas relações**, as unidades linguísticas não passam de elementos materiais desprovidos de significação; em outras palavras, **elas não são mais linguísticas** (NORMAND, 2009 [2000], p. 50, grifos nossos).

Como vimos, a questão da relação é de extrema importância para uma nova concepção de língua como um sistema de signos que conhece somente sua ordem própria. A nosso ver, ao colocar as unidades em relação e definir que a existência dessas unidades está condicionada a elas, Saussure dá as bases daquilo que, mais tarde, será reconhecido como o estruturalismo. Em análise a trabalhos que se intitulam como estruturalistas, podemos ver como a noção de relação em Saussure possibilitou uma leitura estruturalista de sua produção teórica e influenciou diversas áreas do conhecimento. Assim, procuraremos, adiante, acompanhar, mesmo que minimamente, essa passagem, da noção de sistema linguístico, inteiramente definida pela noção de relação, para a noção de estrutura no interior da linguística, no intuito de evidenciarmos a influência de Saussure no pensamento de meados do século XX.

3. Da relação à estrutura em Linguística

Em um capítulo intitulado “Estrutura em linguística”, Émile Benveniste no livro *Problemas de Linguística Geral I* aponta como o termo *estrutura* e os termos *estrutural*, *estruturalismo* e *estruturalistas* ganharam no interior da linguística um valor doutrinal.

Segundo o autor, o termo estrutura passou a ser utilizado pouco antes de 1930, por linguistas que reagiam à concepção puramente histórica da língua, isto é, aquela que isolava seus elementos perseguindo suas transformações. Era consenso entre tais linguistas que o princípio da estrutura teve origem na teoria de Saussure, o que rendeu a ele o reconhecimento de precursor do estruturalismo na Europa. Porém, Benveniste (1966) nos alerta para o fato de que Saussure não utilizou o termo estrutura. Sua noção central era a de sistema, que contém, segundo Benveniste, o embrião da concepção de estrutura. As leituras que relembavam a noção de sistema, tais como as feitas por Meillet e Grammont, afirmava uma característica do sistema, a de que nele tudo se liga (cf. p. 99). As leituras da teoria saussuriana também ressaltavam dois importantes princípios de Saussure, o de que a língua é forma e não substância e o de que as unidades da língua são definidas apenas por suas relações. Para Benveniste, tais leituras colocavam em evidência a *estrutura* dos sistemas linguísticos.

Mas é somente nas atividades do Circulo Linguístico de Praga (CLP), que tinha como precursores Saussure e Baudoin de Cortenay, que o termo estrutura apareceu pela primeira vez em uma acepção mais precisa. Segundo Benveniste, nesses trabalhos, a noção de “estrutura” se liga intimamente à de “relação” no interior do sistema. Para exemplificar ele destaca as seguintes passagens de um dos trabalhos do CLG: “o conteúdo sensorial desses elementos fonológicos é menos essencial que as suas relações recíprocas no seio do sistema” e “é preciso caracterizar o sistema fonológico (...) especificando obrigatoriamente as relações que existem entre os citados fonemas, quer dizer, traçando o esquema de estrutura da língua considerada” (CLP *apud* BENVENISTE, 1966, p. 100-101). Para Benveniste,

Trata-se, pois, propondo-se a língua como sistema, de analisar-lhe a estrutura. Cada sistema, sendo formado de unidades que se condicionam mutuamente, distingue-se dos outros sistemas pela organização interna dessas unidades, organização que lhe constitui a estrutura. Certas combinações são frequentes: outras, mais raras; outras enfim, teoricamente possíveis, não se realizam nunca. Encarar a língua (ou cada parte de uma língua – fonética, morfologia, etc.) como um sistema organizado por uma estrutura que é preciso desvendar e

descrever é adotar o ângulo “estruturalista” (BENVENISTE, 1966, p. 102).

A noção de estrutura assim definida se diferencia da noção de sistema proposta por Saussure, nos sugerindo que aquela é uma especificação desta. Isso porque, ao falar do sistema linguístico, Saussure remete ao funcionamento ou mecanismo geral da língua, enquanto para Benveniste a noção de estrutura está ligada a uma língua particular, o que justifica o uso da construção “estrutura do sistema”. Todavia é importante ressaltar que a noção de estrutura pressupõe a noção de sistema. Há entre elas uma dependência teórica. Isso porque o entendimento de estrutura em linguística, no sentido teórico do termo, só foi possível por causa da noção de sistema.

A noção de estrutura no interior da Linguística não se restringe a aceção dada por Benveniste em seu trabalho. Essa noção já havia sido fortemente utilizada nos trabalhos do CLP, principalmente na fonologia de Troubetzkoy e Jakobson, e também por outros autores anteriores a Benveniste, como ele mesmo testemunha. Todavia, a interpretação da teoria saussuriana por Benveniste nos serve de exemplo de como a noção saussuriana de sistema, em que os signos estão unidos por relações, foi associada à noção de estrutura.

4. Da estrutura ao Estruturalismo

Há aqueles que reconhecem o estruturalismo como um “movimento” ou “corrente de pensamento” que influenciou, no início do século XX, diversas ciências humanas que encontraram no modelo linguístico de Ferdinand de Saussure suas bases epistemológicas. Todavia, a definição do que é estruturalismo não se dá de maneira fácil. São vários os teóricos que se dedicaram, e outros que ainda hoje se dedicam, a perseguir a história desse movimento que alcançou os mais diferentes lugares do conhecimento humano. François Wahl (1968) é radical, coloca em questão a própria existência do estruturalismo. Ele afirma: “digamo-lo francamente; quando nos interrogamos acerca do Estruturalismo, não compreendemos, as mais das vezes, do que se quer falar” (WAHL, 1968, p. 13). Para ele, melhor do que tratar do “que é o estruturalismo”, seria tratar das “modificações recentes do saber e do que as agrupa como estruturalistas” (p. 13). A resposta de Roland Barthes (1999) para a questão também parece radical, nega, pelo menos por enquanto, que o estruturalismo seja um movimento.

Que é o estruturalismo? Não é uma escola nem mesmo um movimento (pelo menos ainda não), porquanto a maior parte dos autores a que se aplica ordinariamente tal designação não se sentem, por forma alguma, ligados entre si por uma solidariedade de doutrina ou de combate. Nem chega a ser um léxico: “estrutura” é um termo já antigo (de origem anatomista e gramatical), hoje em dia muito usado: todas as ciências sociais recorrem a ele abundantemente e o uso da palavra não distingue ninguém, apenas serve para polemizar sobre o conteúdo que se lhe deve dar. (BARTHES, 1999, p. 19)

Coelho (1999) também se propõe a responder do que é estruturalismo na apresentação da coletânea *Estruturalismo – antologia de textos teóricos*, em que se reúne uma série de importantes autores que, para além da Linguística, trataram da influência do estruturalismo em suas áreas específicas do saber, demonstrando a variedade de domínios que o estruturalismo atingiu. Coelho designa por estruturalismo “um lugar de teoria e o ponto de encontro de múltiplas atividades dispersas” (COELHO, 1999, p. iv). O autor afirma que este conceito não designa um objeto específico, mas pode abarcar “certo tipo de *atividade* e certa forma de *linguagem*” (p. x). Ele atesta que o estruturalismo “contém implícitas várias filosofias, que inevitavelmente se explicitam, por vezes de um modo contraditório, neste ou naquele autor” (p. x). Definir o estruturalismo deste modo é reconhecer neste “lugar de teoria” uma multiplicidade de ideologias, o que, de acordo com Coelho, evidencia o fato de que não há unidade em seu interior.

Coelho afirma que, ao reunir em uma coletânea textos que representam o estruturalismo, sua pretensão não foi a de expor a verdadeira teoria estruturalista. Isso porque, segundo o autor, não há um estruturalismo ideal, bem como não há um cartesianismo ou marxismo ideal, nos lembrando da afirmação do próprio Marx: “Não sou marxista”. Para o organizador da antologia, “uma filosofia nunca existe no momento decisivo em que se projeta, embora seja esse o único instante que a sua voz se manterá íntegra” (p. iv). No entendimento de Coelho, “uma filosofia só é o que é na realidade na medida em que se transforma em múltiplos discursos que nela se originam” (p. iv). Para Coelho o estruturalismo, se na verdade existe, está somente em suas manifestações.

A compreensão que Coelho (1999) tem sobre o estruturalismo enquanto manifestação parece ser coerente com aquilo que é dito por Wahl (1968). Para Wahl, falar do estruturalismo é falar de modificações do saber, que estão em uma segunda geração. Isso porque, segundo o autor, tratam-se “daqueles que se colocam no momento em que não se tem mais que produzir os instrumentos revolucionários de uma pesquisa, mas de

praticar essa pesquisa, de medir-lhe as dificuldades e talvez os limites, não menos que a realidade” (WAHL, 1968, p. 13).

Assim, a partir do que é dito por Coelho e Wahl, podemos dizer à maneira de Salum (2006[1970]), na apresentação brasileira do CLG, que Saussure fora estruturalista antes do termo, ou, de um modo muito mais radical, podemos afirmar que o próprio Saussure não foi estruturalista. Entretanto, afirmar que Saussure não foi estruturalista só possível a partir do entendimento de estruturalismo enquanto manifestações, enquanto conjunto de produções teóricas transformadas pelo discurso de Saussure.

5. O modelo estrutural: da Linguística à Antropologia

Como vimos anteriormente, a noção de relação movimentada na teoria saussuriana deu as bases para uma leitura estruturalista da produção teórica do linguista genebrino. No entanto, essa leitura não ficou restrita ao âmbito dos estudos linguísticos. Muitos teóricos de outras áreas viram em Saussure uma teoria da estrutura, muitas vezes influenciados por outros leitores de Saussure. Neste tópico, trataremos de um exemplo em especial: a influência saussuriana na antropologia estrutural de Lévi-Strauss. A nosso ver, diversas passagens da teoria do antropólogo retomam o princípio saussuriano da relação e nos permite ver a forte influência de Saussure no desenvolvimento de outras áreas que não a linguística.

A relação entre língua e cultura estabelece há tempos uma proximidade entre a linguística e a antropologia. Por tratarem de objetos afins, tais ciências se encontram continuamente relacionadas. Todavia, com o advento da linguística enquanto ciência moderna, a proximidade entre tais áreas se tornou mais tênues. Isso porque, como veremos adiante, a linguística influenciou fortemente o modo de análise na antropologia. Se antes os elementos eram estudados em si mesmo, agora eles só podem ser compreendidos no interior de uma estrutura, isto é, a partir de suas relações.

François Dosse (1993), no livro *História do Estruturalismo: O campo do signo 1945/1966*, retrata como a antropologia estrutural de Lévi-Strauss encontrou seu modelo na linguística estrutural. Filósofo de formação, Lévi-Strauss dá início a sua carreira de etnólogo em 1934, quando recebe um convite para se candidatar a uma cadeira de sociologia na Universidade de São Paulo. Após voltar à França, o etnólogo expõe seus trabalhos e, segundo Dosse, começa a ser notado por um reduzido grupo de especialistas. Em 1939, ele parte novamente, dessa vez para o exílio em fuga à ocupação alemã. Seu destino será Nova York, onde recebe um convite da *New School for Social Research*. É

lá que se dará um encontro entre Lévi-Strauss e Jakobson, entre a Antropologia e a Linguística.

Nova York torna-se o lugar decisivo da elaboração de uma antropologia estruturalista, graças a um encontro decisivo entre Lévi-Strauss e seu colega linguista da *New School*, Roman Jakobson, exilado como ele e que dá aulas de fonologia estrutural de francês. Esse encontro vai ser particularmente fecundo, tanto no plano intelectual quanto no afetivo. Uma cumplicidade amistosa nasce desse momento e jamais será desmentida. Jakobson assiste aos cursos de Lévi-Strauss sobre o parentesco, e Lévi-Strauss acompanha os cursos de Jakobson sobre o som e o sentido (...). É da simbiose de suas investigações respectivas que vai nascer a antropologia estrutural. (DOSSE, 1993[1991], p. 33).

Dosse (1993) afirma que, até então, a antropologia, na França, estava ligada às ciências da natureza e possuía caráter naturalista e biologista. Segundo ele, “essa disciplina designava-se, portanto, num determinismo essencialmente biológico” (p. 37). Lévi-Strauss, porém, busca seu modelo nas ciências humanas, precisamente, na ciência linguística. É nessa ciência que o etnólogo buscará um modelo de cientificidade.

Segundo Dosse, em sua investigação antropológica, Lévi-Strauss retoma os paradigmas básicos da fonologia de Jakobson, a partir dos quais se entende que:

A fonologia tem por objeto ultrapassar o estágio dos fenômenos linguísticos conscientes, não se contenta em considerar os termos em sua especificidade mas entende apreendê-los em suas relações internas; introduz a noção de *sistema* e visa à construção de *leis gerais*. Toda a abordagem estruturalista se insere nessa ambição. (DOSSE, 1993[1991], p. 42).

Em seu livro *Antropologia Estrutural*, Lévi-Strauss (1958) ressalta a importância da linguística para o desenvolvimento da antropologia. Segundo o autor, a linguística ocupa lugar excepcional entre o conjunto de ciências sociais, embora ela não seja uma ciência social como as outras. Isso porque a linguística, para ele, a partir da formulação de um método positivo e o reconhecimento dos fatos que deverão por ela ser analisados reivindicou o estatuto de ciência.

Para Lévi-Strauss, os estudos de fonologia, em especial, renovaram as perspectivas da linguística e não se limitaram a essa disciplina. Segundo ele, essa inovação reside, principalmente, no estabelecimento de quatro procedimentos fundamentais do método fonológico propostos por N. Trubetzkoy: i) a passagem do estudo dos fenômenos linguísticos conscientes para o estudo da infraestrutura

inconsciente; ii) a recusa de tratar as entidades de modo independente, e a introdução da noção de sistema, tratando os termos em relações²; iii) a fonologia deixa de apenas declarar que os fonemas pertencem a um sistema e passa a evidenciar os sistemas fonológicos concretos e suas estruturas; iv) a procura por leis gerais. Tais princípios influenciaram, segundo o autor, o modo de proceder dos sociólogos:

como os fonemas, os termos de parentesco são elementos de significação; como eles, só adquirem essa significação se integrados em sistemas; os “sistemas de parentesco”, assim como os “sistemas fonológicos”, são elaborados pelo espírito no estágio do pensamento inconsciente; e finalmente, a recorrência, em regiões afastadas do mundo e em sociedades profundamente diferentes, de formas de parentesco, regras de casamento e atitudes igualmente prescritas entre certos tipos de parentes etc., leva a crer que, num caso como no outro, os fenômenos observáveis resultam da operação de leis gerais, mas ocultas. O problema pode, portanto, ser formulado do seguinte modo: numa *outra ordem de realidade*, os fenômenos de parentesco são fenômenos do *mesmo tipo* que os fenômenos linguísticos. Poderiam os sociólogos, utilizando um método análogo *quanto à forma* (senão quanto ao conteúdo) ao que é utilizado pela fonologia, levar sua ciência a um progresso análogo ao que acaba de se dar nas ciências linguísticas? (LÉVI-STRAUSS, 1981, p. 46)

Conquanto o antropólogo veja a grande contribuição da linguística à antropologia no surgimento da fonologia, é inegável o reconhecimento da teoria saussuriana nos postulados do estudioso. Isso porque a fonologia proposta por N. Trubetzkoy foi bastante influenciada por Saussure. Embora o fonólogo aponte a insuficiência da teoria saussuriana na conceitualização da noção de fonema, Trubetzkoy conceitua o próprio fonema a partir de conceitos saussurianos, como o de valor linguístico e de significante, por exemplo, como pode ser visto nas seguintes passagens: “o que distingue o fonema do som não é o seu caráter puramente psíquico, mas antes seu caráter diferencial – o que faz dele um valor linguístico” (TRUBETZKOY, 1981, p. 16-17) e, ainda, “o que a fonologia quer estudar não são os sons, mas os fonemas, isto é, (...) os elementos constitutivos do significante linguístico” (p. 18). Ao distinguir a fonética da fonologia, Trubetzkoy evidencia novamente o princípio da relação de Saussure. Vejamos: “A fonética, individualista e atomista, por natureza, estuda os fenômenos fônicos isolados; a fonologia,

² Embora Lévi-Strauss não mencione a influência do pensamento saussuriano em relação ao segundo procedimento do método fonológico estabelecido por N. Trubetzkoy, é evidente as marcas da teorização saussuriana. É importante lembrar que as teorias desenvolvidas pelo Círculo Linguístico de Praga, do qual Trubetzkoy fazia parte, foram altamente influenciadas por Saussure.

universalista [ou estruturalista] por natureza, parte do sistema como de um todo orgânico cuja estrutura ela estuda” (p. 20). Essas passagens evidenciam a forte influência do pensamento saussuriano no CLP, que, por sua vez, influenciará a antropologia estrutural de Lévi-Strauss.

Essa influência pode ser observada na própria definição dada pelo antropólogo à noção de estrutura. Segundo ele, “uma estrutura apresenta um caráter de sistema. Consiste em elementos tais que uma modificação de qualquer um deles acarreta uma modificação de todos os demais” (LÉVI-STRAUSS, p. 306). Essa afirmação nos remete a própria teoria do valor linguístico de Ferdinand de Saussure.

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como *recear*, *temer*, *ter medo* só têm valor próprio pela oposição; se *recear* não existisse, todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes. Inversamente, existem termos que se enriquecem pelo contato com outros (...). Assim, o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 163).

Ainda de um modo mais específico, podemos verificar a influência saussuriana no estudo das relações de parentesco desenvolvido por pelo antropólogo.

Vemos, assim que, para ser compreendido, o avunculado deve ser tratado como uma relação inserida num sistema, e que e o sistema que deve ser considerado, em seu conjunto, para perceber sua estrutura. Essa estrutura se funda em quatro termos (irmão, irmã, pai, filho), unidos entre si por dois pares de oposições correlativas, de tal modo que em cada uma das duas gerações em questão sempre há uma relação positiva e uma relação negativa. Se nos perguntarmos o que e essa estrutura, e qual sua razão de ser, a resposta e a seguinte: essa e a estrutura de parentesco mais simples que se possa conceber e que possa existir. E, na verdade, *o elemento de parentesco*. (LÉVI-STRAUSS, 1958, p. 59).

Como se vê, para o antropólogo, o elemento de parentesco avunculado, isto é, o tio materno, assim como os outros, deve ser estudado no interior de um sistema, em que se percebe uma dada estrutura, tendo em vista que em cada cultura este elemento é compreendido de um modo determinado.

6. Considerações finais

Neste trabalho, tivemos por objetivo apontar como a noção de relação movimentada por Saussure em sua definição de língua enquanto sistema de signos, cuja identidade é definida inteiramente pelas relações estabelecidas entre eles, possibilitou uma leitura de Saussure estruturalista, levando o reconhecimento do mesmo como pai do estruturalismo na Europa.

Como vimos, a interpretação estrutural do sistema linguístico proposto por Ferdinand de Saussure se deu no interior da própria linguística. Todavia, essa leitura alcançou diversas áreas do conhecimento. A veracidade dessa afirmação foi averiguada na leitura realizada por nós dos postulados teóricos de Lévi-Strauss sobre a antropologia estrutural. Nesta teoria, vimos como o sistema de parentesco, por exemplo, é estudado pelo antropólogo a partir do princípio das relações. É somente no interior de um sistema que um elemento de parentesco pode ser definido, nos remetendo à característica fundamental do elemento linguístico proposto por Saussure. Por meio dessa análise foi possível observarmos mais de perto como a teoria saussuriana influenciou o pensamento intelectual dos anos 50 e 60, anos em que se deu o êxito do estruturalismo europeu.

Referências

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística geral I**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5a edição. Campinas: Pontes Editores, 2005[1966].

COELHO, E. P. (Selec. e introd.). **Estruturalismo**: antologia de textos teóricos - Foucault Derrida, Lévi-Strauss, Althusser, Lacan, Sartre, Barthes, Sebağ e outros. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DOSSE, F. **História do Estruturalismo**: O campo do signo 1945/1966. Trad. Álvaro Cabral. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

DUCROT, O. **Estruturalismo e Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1968.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2008 [1958].

NORMAND, C. **Saussure**. Trad. de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009 [2000].

_____. Saussure: uma epistemologia da Linguística. In: **As bordas da linguagem**. Org. Eliane Mara Silveira. Uberlândia: EDUFU, 2011.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Org. por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira de Isaac

Nicolau Salum. Trad. De A. Chelini; J. P. Paes e I. Bliksten. 34a edição. São Paulo: Cultrix, 2012.

TRUBETZKOY, N. A fonologia atual. In: **Fundamentos Metodológicos da Linguística**. Volume II. Fonologia e Sintaxe. Org. Marcelo Dascal. Campinas: 1981.

Artigo recebido em: 27.02.2015

Artigo aprovado em: 08.06.2015

Domínios de Lingu@gem